

Iniciativas que melhoram o manejo de pastos rotacionados



Roberta Carnevalli, pesquisadora da Embrapa:
"Esse sistema mostra-se eficiente."

A partir de pesquisas realizadas em Goiás na Embrapa Arroz e Feijão, em Santo Antônio, a 12 quilômetros de Goiânia, alguns conceitos sobre a utilização racional de pastos rotacionados começam a mudar de forma radical.

De acordo com os resultados das pesquisas iniciadas no ano de 2000, cujos resultados se mostram altamente eficientes, os chamados pastos rotacionados não devem obedecer mais um número determinado de dias para a colocação de animais e, sim, a altura do capim, tanto para início da alimentação do gado quanto para a mudança dos lotes para outras áreas.

Segundo a pesquisadora Roberta Carnevalli, coordenadora do trabalho - que inclusive foi a tese para o seu doutorado -, a altura do capim vai depender da variedade da forrageira. O trabalho das pesquisas teve como itens principais os nutrientes das plantas, o volume de água, a quantidade de luz, etc.

Em entrevista exclusiva para a Revista Raça sobre esse assunto, a pesquisadora informou que a hora certa para que os animais entrem para os piquetes para a utilização do capim é quando apenas 5% de luz consegue chegar até o solo. Para medir isso o produtor rural não vai ter que comprar equipamentos caríssimos para a operação. Basta apenas que ele observe a altura do capim.

Em seu trabalho, a pesquisadora Roberta tomou por base as forrageiras mais utilizadas na região tropical. Para o capim-elefante, que se divide em napiê, cameron, anão e roxo, a altura máxima é de um metro; mombaça, 90 cm; tanzânia, 70 cm; marandu ou brachiarão mais comum, 30 cm, e xaraés ou brachiarão mais novo, 35 cm.

Obedecendo à altura específica para cada capim, os animais vão comer melhor. O produtor conseguirá, com isso, um aproveitamento de 20% a mais tanto em suporte de pastos quanto em rendimentos. Os animais, por sua vez, em pastos com problemas ou com grandes volumes de capim comem apenas 20% de toda a massa verde, com o novo sistema aproveitam em média 50%. Em resumo, o capim é igual a uma lavoura de grãos, tem a hora certa para ser colhida.

Conforme a pesquisadora, a vantagem principal em se tratando do manejo correto é que os animais não têm dificuldades em se alimentar, porque o capim está tenro, sem hastes duras, etc. Se não for obedecida a altura correta do capim, as plantas passam do ponto, porque crescem mais, aumentando a disputa entre elas pela luz do sol e começam a morrer as partes inferiores onde não entra luz.

Respondendo à pergunta até que ponto os animais devem comer depois de obedecida a escala de altura correta do

e as novilhas e vacas secas vão se alimentar de outros tipos de capim, como brachiária, tifton, etc, que resistem mais à seca e que ficaram sem utilização nos pastos enquanto os animais utilizavam os piquetes. Isso baixa sensivelmente os custos na fazenda.

A pesquisadora explica que esse manejo não é só para vacas de leite. Pode ser para gado de corte. O que precisa ser feito é priorizar os mais carentes com maior oferta de alimentos. Mas, voltando ao assunto das vacas, Roberta explica que a grande maioria dos produtores deixa esses animais nos pastos até comerem a última folha do capim. Isso é péssimo, porque se uma vaca dá dez litros de leite e não é retirada antes da seca total para ser alimentada no cocho, ela, que dava dez litros, passa a dar oito ou menos. A vaca que for remanejada antes não perde a eficiência de produção.



Os espaços entre as touceiras não podem ser preenchidos com outras variedades de capim

DICAS SOBRE O VERANICO

Roberta Carnevalli comentou que se houver excesso de capim tem que ir controlando o crescimento com adubação ou se o produtor tiver equipamento fazer a colheita para aproveitá-lo. Porém, não é conveniente aumentar em demasia

a lotação quando estiver aproximando o veranico de janeiro. Isso porque, caso ele chegue, cai demais o crescimento. O interessante é ir deixando o resíduo normal, ou seja, não baixar muito os pastos. Quando chegar fevereiro e março e se o veranico não tiver aparecido, aí, sim, pode rebaixar os pastos.

A roçadeira também não é conveniente, porque estraga a planta, provocando estresse. No caso ela tem que se reestruturar por completo para voltar a crescer. Além disso, há gastos com mão-de-obra, desgaste do equipamento e combustível. Quando os piquetes estiverem baixos e apresentar espaçamentos maiores, não é conveniente jogar outros tipos de semente para ocupação dos espaços. Isso acarreta erro em cima de erro e não resolve o problema do produtor.

Outra dica é no sentido de que o manejo do capim e dos animais deve ser colocado em prática desde o início da estação chuvosa. Tentar iniciar esse manejo a partir da metade da estação pode gerar alguns insucessos, pois as estruturas residuais já estarão formadas e dificilmente será possível rebaixar esse resíduo composto por material morto e hastes.



“Qualidade Sempre”

Nazário - GO
(62) 9981-4329

Piraquê - TO
(63) 3479-1154

www.guzeradabarra.com.br

RACA

capim, a pesquisadora Roberta Carnevalli explica que isso varia de acordo com cada planta. Por exemplo: nos pastos com capins mais altos, como cameron, tanzânia, mombaça, etc, os animais devem comer até a altura de, no máximo, 35 a 40 cm. Nos pastos de capins mais baixos devem comer até 10 cm. Segundo a pesquisadora, as plantas, depois de comidas, não devem ficar muito baixas, porque isso influenciará na retomada do crescimento. O ideal é deixá-las com folhas suficientes no sentido de que não mudem seu comportamento durante o crescimento, retardando o retorno dos animais no piquete.



O capim deve ter a medida exata para uso

A pesquisadora da Embrapa Arroz e Feijão explicou que se o capim estiver crescendo muito, os animais devem mudar mais rápido de pasto, obedecendo à seguinte escala: as vacas de produção vão comendo na frente, mudando de piquetes, e as vacas secas e as novilhas, que são menos carentes em matéria de alimentação, vão atrás. Esse tipo de manejo tem que obedecer ao crescimento do capim. Não importa o número de dias, mesmo que seja diário o manejo deve ser feito. O controle também do crescimento pode ser feito com a aplicação do nitrogênio para mais ou para menos.

As pesquisas da Embrapa foram feitas em pastagens sem irrigação, obede-

cendo apenas ao período normal de chuvas. Caso o produtor queira fazer esse tipo de manejo em pastagens com irrigação, isso não importa. O que interessa é que ele deve fazer o manejo correto obedecendo tão-somente a altura do capim. A irrigação muda a velocidade de produção, e não a forma.

A partir dessas pesquisas chegou-se à conclusão de que o produtor não dependerá mais da numeração dos piquetes. Exemplo: do número um vai para o dois, do dois para o três e assim por diante. Não importa. O que deve ser observada é a altura da planta para colocação ou retirada dos animais, e isso não significa que se deve obedecer um número sequencial de piquetes.

Como medir as plantas? Segundo Roberta Carnevalli, os produtores podem usar uma régua normal de metro e meio. As dicas são no sentido de que meçam as plantas no próprio corpo se estiverem andando nas pastagens ou até mesmo na altura correspondente nas patas dos cavalos, se for o caso de visitar os pastos montado.

QUAIS OS MELHORES CAPINS?

Conforme a pesquisadora, não existe o melhor capim. O que existe é o manejo correto e nenhuma fazenda deve trabalhar somente com um tipo de forrageira. Uma só não oferece solução para ninguém. O que o produtor precisa é de variedades. Segundo ela, alguns criadores falam que têm uma grande variedade, como napiê, cameron, roxo, anão, etc. Isso tudo é a mesma coisa, ou seja, do grupo do capim-elefante. Essa forrageira produz muito na época das chuvas. Porém, tem vida curta. Com os primeiros ventos da seca ela já não resiste. Por isso é que o produtor deve ter variedades, como brachiária, tifton, etc.

Com essas opções, quando chegar a seca (a partir de maio) os capins que produzem muito nas águas estão morrendo. Nesse ponto, as vacas de produção vão para o cocho para comer cana ou silagem,

Separando o joio e outras impurezas do trigo

Está no ar mais um capítulo da enfadonha novela: "A Rolagem da Dívida Agrícola." Depois de passar pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, o Projeto de Lei que trata dessa "novela" deverá ir a plenário e com grandes chances de avanço em se tratando de discussões. Isso porque as eleições se aproximam. Elas significam barganhas. Muitas barganhas.

A proposta nesse sentido foi apresentada pelo pessoal da bancada ruralista em 2005, arquivada em 2007 e desengavetada novamente por força do terreno fértil das próximas eleições. O próprio presidente Lula tem dito que apoia a renegociação da dívida rural não-abrangida pelas renegociações anteriores. Essa é a sétima renegociação.

As opiniões são bastante diversificadas sobre o assunto junto aos parlamentares. Uns afirmam que as dívidas estão grandes porque são "gorduras" de planos econômicos anteriores e que devem ser cortadas. O ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, concorda que se a "gordura" for perdoada, ela não trará custos elevados para a União. Uma dívida que era de R\$ 100, por exemplo, por força dos planos econômicos diversos, já está em R\$ 500. Hoje a dívida total é de R\$ 36 bilhões.

Ainda na esteira de opiniões, vários parlamentares falam que 32% dos endividados não cumprem seus compromissos acordados. Ora, cabe ao governo, então, localizar os produtores caloteiros e puni-los na forma da lei. O que não pode é ficar empurrando com a barriga e não acudindo quem realmente trabalha.

Os governantes estão cansados de saber que não existe nação forte sem uma agricultura vigorosa. Será que quem pensa o contrário acha que os Estados Unidos e a Europa estão onde estão a troco de nada? Tudo começou e vem sendo sustentado por uma agricultura consistente.

Alguns parlamentares brasileiros dizem que as negociações com a dívida rural serão difíceis. "por se tratar de uma atividade sujeita a muitos riscos". É claro que tudo que depende de tempo está sujeito a riscos. Daí a necessidade de uma política diferenciada, já que não podemos colocar São Pedro na mesa de negociações e dar uma dura nele também.

Só nos resta esperar que, nessa atual renegociação, sejam separados o joio e outras impurezas do trigo.

RAÇA

Fundada no ano de 1980
Goiânia, setembro/outubro de 2009
Ano XXIX nº 45 - preço de varejo R\$ 7,00

Editor-geral:
Luiz Carlos Rodrigues
RP: 539 DRT-GO

Revisão:
Eliane de A. N. Albuquerque

Fotos:
Luiz Carlos Rodrigues
Portal do Agronegócio / Goiás

Diagramação:
Monique Buritisa Romanholo
STUDIO QUE DESIGN
www.studioque.com.br
Fone/fax 62. 3092-6658

Impressão:
GRÁFICA ELITE

A Revista Raça é uma publicação da Editora Raça Ltda.
Endereço: Av.Haiti (C-205), Qd. 475,
Lt.03 nº 554, Jardim América - Goiânia
GO-CEP 74.270-020
Fone/fax: 62 3212-1135

Conselho Editorial

Luiz Magno de Carvalho
Diretor Técnico - Sindileite

Alfredo Luiz Correia - Médico-Veterinário
Diretor Executivo - Sindileite

José Magno Pato - Médico-Veterinário
Presidente - Sindicarne

Celso José de Moura
Professor UFG

Luiz Carlos Rodrigues - Jornalista

SINDILEITE - Av. Anhangüera nº 5.440, 5º
andar, Edifício FIEG - Centro, Goiânia - GO
CEP 74.043-010
Fone: 62 3212-1135
E-mail: alcorr@terra.com.br

Departamento Comercial

Luiz Carlos Rodrigues - Jornalista
Fone: (62) 3212-1135
(62) 9616-6769

RACIA

GOIÂNIA, SETEMBRO/OUTUBRO 2009
EDIÇÃO N.º 45 R\$ 7,00

NOVIDADES

**À hora certa
de servir o capim,
segundo pesquisas
da Embrapa**

**Pecuaristas
discutirão em Goiás
confinamento
de bovinos**

**Ministério divulga
normas sobre o uso
do tanque coletivo**

**Suspender ou não
o leite dos bezerros
com diarreia?**

FLAVIA SILVA - FOTOGRAFIA KEVIN LARRE